



## **REFLEXOES ACERCA DO CONTEUDO ESPORTES NA ESCOLA, A PARTIR DE INTERVENÇÕES NO PIBID**

### **ÁREA TEMÁTICA: Educação**

Billy Graeff Bastos (Coordenador do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/ Educação Física)

Billy Graeff Bastos<sup>1</sup>

Rudy da Silva Ribeiro<sup>2</sup>

Jonathan Terra Corrêa<sup>2</sup>

Thais Mortola Dias<sup>2</sup>

**PALAVRAS-CHAVE:** Esportes, Escola, Sociedade;

### **RESUMO**

Através do PIBID e sua consequente inserção na instituição escolar, percebemos muitos pontos instigantes de estudo e pesquisa, fatos que podem ser pensados e (re) pensados por nós, ainda em fase de introdução na escola, ainda em processo de aprendizagem. Buscamos fazer uma reflexão sobre o tema Esportes no âmbito escolar, almejando uma discussão desse conteúdo a partir das nossas intervenções nas escolas participantes do projeto, abordando mais especificamente os temas rendimento e competição no esporte dentro da escola. Entendemos que o Esporte na escola deva proporcionar reflexões acerca dessa prática cultural, possibilitando que se adote valores sociais diferentes dos capitalistas e que esses valores sejam transpostos para fora da escola.

### **INTRODUÇÃO**

Envoltos pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, construímos o presente artigo, buscando explanar sobre um dos temas da cultura corporal: Esportes. Assim, pretendemos discutir este conteúdo dentro do âmbito escolar, construindo este artigo a partir das nossas intervenções nas escolas participantes do projeto, conciliando com textos para embasar o presente trabalho.

Contextualizando acerca do PIBID, este visa inserir o acadêmico de licenciatura no seu futuro âmbito de atuação, a escola, oportunizando que o mesmo possa perceber a instituição escolar enquanto meio de vivências e de aprendizado. Assim, formado por 12 bolsistas, todos acadêmicos do curso de Educação Física, por dois professores supervisores (um de cada escola que os bolsistas atuam) e um coordenador (professor do curso de Educação Física da FURG), este projeto é de grande relevância para o futuro discente.

Desse modo, nessas instituições os bolsistas desenvolvem atividades de problematização da Educação Física na educação básica, experimentação da

---

<sup>1</sup> Professor Ms. do Curso de Educação Física/ Instituto de Educação. Universidade Federal do Rio Grande. Email: billygraeff@gmail.com.

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.



docência, perspectivas pedagógicas da área e possibilidades de manifestação da cultura corporal.

Tendo como principais bases de estudo o Materialismo Histórico Dialético, desenvolvido por Marx; a Pedagogia Histórico Crítica de Dermeval Saviani; o Coletivo de Autores com a abordagem Crítico Superadora e os princípios curriculares no trato com o conhecimento; visamos tornarmos pesquisadores de nossas próprias práticas, formando alunos mais reflexivos, críticos e autônomos.

Assim, dentro de todo esse universo organizacional que caracteriza o PIBID Educação Física – FURG, que construímos este artigo, focando no tema da cultura corporal que fomos destinados a estudar e aprofundar dentro do projeto: Esportes.

Desse modo, dentro da instituição escolar, percebemos muitos pontos instigantes de estudo e pesquisa, fatos que podem ser pensados e (re) pensados por nós, ainda em fase de inserção na escola, ainda em processo de aprendizagem. Tendo esses pontos organizados através de subtítulos ao longo do texto, procuramos apresentar o cenário que encontramos na escola, no que diz respeito aos Esportes, o cenário que criamos em nossas aulas, buscando para nos embasarmos o que expressamos em nossos relatos em diários de campo. Esse tema gera diversos debates e possibilidades de reflexões. Neste artigo voltamos o foco para a questão do rendimento e competição no esporte dentro da escola; suas relações com a sociedade e o futebol como conteúdo predominante nas aulas de EF.

## **COMPETIÇÃO E RENDIMENTO NO ESPORTE – REFLEXÃO A CERCA DE NOSSAS INTERVENÇÕES NA ESCOLA**

Neste tópico iremos abordar a questão da competição e do rendimento no esporte dentro da escola, fazendo uma relação entre nossas intervenções como bolsistas do PIBID e o pensamento dos autores citados anteriormente. Tratamos aqui da expressão esporte de rendimento quando nos referimos ao esporte que tem o rendimento atlético-desportivo como elemento central (BRACHT, 2000). Bracht (1997) aponta que nas aulas onde o esporte é abordado, é predominante a ideia de aprendizagem de técnicas esportivas visando a competição e, para isso, se busca o rendimento atlético-esportivo, que é condição para se conquistar a vitória.

Competição e rendimento fazem parte da estrutura interna do esporte e também são relações sociais da nossa sociedade (BRACHT, 2000). A partir de uma visão crítica sobre como o esporte vem sendo abordado na escola e o que representa para a sociedade, nós buscamos não enfatizar a competição e nem o rendimento, fatos marcantes no esporte hegemônico. Isso não significa excluí-los ou negá-los. Procuramos problematizar com os alunos sobre essas questões, principalmente a partir de situações que acontecem no momento da aula, no sentido de fazê-los pensar o esporte além do rendimento e da competição acima de tudo; no sentido de “[...] questionar suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.49).



Um exemplo de um fato que aconteceu em aula e proporcionou que fosse feita uma reflexão a cerca do esporte de rendimento foi quando alguns meninos reclamaram da participação de meninas em um jogo de futebol. Foi numa turma de quinta série, sexto ano. Eles não queriam que elas participassem, alegando que no futebol homens e mulheres não jogam juntos. Então falei<sup>3</sup> para eles que este futebol onde não podem jogar juntos homens e mulheres não é o único. Este é institucionalizado, possui suas regras e normas próprias e que se pode jogar futebol de outras formas, que suas regras podem ser modificadas. Enfatizei que futebol não é apenas o da tv. O interessante é que eles mesmos citaram exemplos de quando jogam nas ruas, com traves feitas de chinelos e sem juiz. Então expliquei que a minha proposta para a aula é de um futebol onde todos possam jogar e que o principal objetivo é a diversão e não a competição, apesar de ela fazer parte.

Esse é apenas um exemplo ilustrativo de como abordamos o esporte nas aulas. Nesse caso foi para uma turma de crianças. As conversas que temos durante as aulas são apropriadas com suas capacidades cognitivas, como sugere o Coletivo de Autores (1992). Há certa dificuldade em conversarmos com eles buscando reflexões, pois não estão acostumados a isso nas aulas de educação física. Também há muitos pedidos por futebol e bastante reclamação quando não jogam. Aos poucos vamos tentando mudar isso, buscando que entendam que as aulas de EF não servem apenas para jogar futebol ou qualquer outro esporte ou atividade específica.

Portanto, antes de ensinar algo e possibilitar reflexões nas aulas, incluindo sobre o esporte, temos que superar dificuldades, como o fato de que os alunos não esperam aprender algo ou fazer algo diferente de jogar futebol ou caçador. Resistem a conversas e a participar de atividades das quais não gostam ou não estão com vontade. Isso é algo que deve ser levado em consideração, mas buscamos superar essa situação e possibilitar que o esporte possa ser enxergado de uma outra maneira pelos alunos além da busca por rendimento e de vitória a qualquer custo.

Segundo Bracht,

Neste momento, em que a idéia da competição (concorrência) toma conta do esporte escolar, idéia esta que é fomentada pela busca da vitória, às vezes a qualquer custo (lucro), e do que ela representa na nossa sociedade (vencer na vida), já não existe mais espaço para a discussão sobre as normas do esporte, para a criação no esporte (adaptar o esporte à realidade social e cultural do grupo que faz esporte = criação cultural); já não existe mais espaço para a preocupação com o desenvolvimento de valores relacionados com o coletivismo (entendido como ações que visem prioritariamente o bem comum, ou seja, priorizem o coletivo ao individual): já não

---

<sup>3</sup> Este é um exemplo que ocorreu na aula de um de nós, por isso está explicado em primeira pessoa.



existe o espaço para a discussão de estratégias que permitam a participação de todos os alunos com as mesmas oportunidades nas aulas, porque o professor tem de preocupar-se com os que apresentam melhor rendimento; preocupar-se com a melhoria da técnica (elevando-a à categoria de fim); preocupar-se com o ensino das regras internacionais dos esportes, ou melhor, com a imposição das regras internacionais que permitirão as condições objetivas de comparação de performances; preocupar-se em desenvolver nos alunos e suas equipes o espírito de competição, condição para a obtenção de vitórias (vencer na vida) (1997, p.63-64).

Esse autor aponta que há espaços na EF para uma ação transformadora dessas características, mas a partir de uma perspectiva crítica, diferente do que se tem predominantemente no momento. Ainda assim, de acordo com ele, são espaços restritos e não é tarefa fácil, pois há ferrenhas determinações sociais que contribuem para que o esporte reproduza a atual estrutura social.

Vago (1996) entende que deve haver uma relação de tensão permanente entre o esporte específico da escola, com seus próprios códigos, e o esporte hegemônico atualmente. Para ele, a pesquisa de Bracht (1992) mostra que há possibilidade de haver essa relação. Segundo Vago (1996),

A escola pode, por exemplo, problematizar o esporte como fenômeno sociocultural, construindo um ensino que se confronte com aqueles valores e códigos que o tornaram excludente e seletivo, para dotá-lo de valores e códigos que privilegiam a participação, o respeito à corporeidade, o coletivo e o lúdico, por exemplo. Agindo assim, ela produz uma outra forma de apropriação do esporte, produz um outro conhecimento acerca do esporte. Enfim, produz uma outra prática cultural de esporte (p.12).

Nossa atuação na escola caminha nesse sentido. Não negamos que existe o esporte de rendimento, que é excludente, que nem todos podem praticar, onde a vitória, na maioria das vezes, é o mais importante. Mas buscamos que os alunos entendam que essa não é a única maneira de se praticar esporte e que a prática deles não precisa, e nem deve, seguir esses moldes. É possível usufruírem do esporte, essa prática cultural, sem precisar atingir o rendimento máximo de determinada modalidade, sem precisar vencer a qualquer preço, entendendo a importância da cooperação acima da competição, de ressaltar a busca do bem comum acima do individualismo.

Isso não é algo simples, que ocorre de repente. A cada aula procuramos avançar na busca de reflexões dos alunos sobre isso. Procuramos levar o esporte a eles de modo que todos possam participar, incentivando mudanças de atitudes ou



regras e deixando claro que o que buscamos não é competição e nem o rendimento máximo, mas sim que todos possam usufruir e não apenas os que “sabem jogar”.

Não se trata de negarmos a competição, mas procuramos deixá-la em segundo plano. E com relação ao rendimento, procuramos, e deixamos isso claro aos alunos, que eles atinjam o rendimento possível e não o máximo esperado. Segundo Bracht (2000, p.16), “no caso da lógica do sistema esportivo, o rendimento almejado é o máximo, não o possível ou o ótimo, considerando as possibilidades individuais e dos grupos. No sistema esportivo o próprio rendimento máximo tornou-se o objetivo a atingir”. Esse autor também destaca que o problema não é ensinar técnica enquanto tal, mas sim o objetivo que ela tem.

O sentido que damos às técnicas esportivas que ensinamos é o de proporcionar a participação de todos, de que todos possam usufruir dos esportes, mas sem buscar o rendimento máximo, sem a exigência da perfeição, buscando não gerar comparações entre eles, voltando o foco para melhorias em relação a si mesmos.

Nesse próximo subtítulo não buscamos somente uma reflexão sobre os Esportes como hegemônicos dentro das aulas de Educação Física, mas, também, pela modalidade esportiva que é hegemônica dentro dessas aulas: o futebol.

## **CONCLUSÃO**

Entendemos que abordar o esporte na escola para além da prática hegemônica atualmente, que ressalta valores da sociedade capitalista – como rendimento máximo e competição – não é tarefa fácil. Mas isso não significa que não deva ser feito. Procuramos fazer com que os alunos possam refletir sobre o esporte, sobre tudo que está em seu entorno como uma prática cultural, possibilitando que se eximam de determinados preconceitos (de que menino não pode jogar futebol com menina, por exemplo); que entendam que o esporte não precisa ser uma dicotomia entre o vencedor e o perdedor, entre o rápido e o lento, entre o forte e o fraco etc; que usufruam dele de maneira autônoma, entendendo que não é necessário dominar técnicas específicas para praticá-lo, que regras podem ser modificadas visando o bem de todos, que não é necessário comprar os equipamentos mais caros e que um lugar diferente do “oficial” pode ser adaptado para sua prática.

Enfim, buscamos passar valores característicos de uma sociedade diferente da atual, diferente dos valores capitalistas, contribuindo para a formação de um homem capaz de transformar sua sociedade. Certamente, por maior que seja nosso esforço, a contribuição é muito pequena para isso e deve ser somada a outros diversos fatores. Com relação ao esporte, entendemos que a EF pode contribuir tratando ele de forma crítica e não apenas prática, não apenas o fazer por fazer ou a busca por rendimento e vitória em competições. Concordando com Vago (1996), entendemos que a escola, através da EF, pode gerar uma cultura escolar de esporte, diferente da hegemônica, e que possa estar em tensão permanente com ela.



## REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. **Educação física e aprendizagem social**. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997.

BRACHT, Valter. **Esporte na escola e esporte de rendimento**. Movimento, Porto Alegre, n. 12, p. XIV-XXIV, jul. 2000.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo, Cortez, 1992.

VAGO, Tarcísio Mauro. **O “esporte na escola” e o “esporte da escola”**: da negação radical para uma relação de tensão permanente – um diálogo com Valter Bracht. Movimento, Porto Alegre, n. 5, p. 4-17, 1996.